

# Potencial pesqueiro de Moçambique: Uma fortuna por explorar e aberta à cooperação

No ano em que Moçambique se tornou independente (1975), a divulgação quase simultânea de vários documentos deu conta, por um lado, das enormes potencialidades daquele país no campo das pescas e, por outro, do quase escandaloso desleixo que presidia ao seu aproveitamento. Porque as potencialidades se mantêm, antes até se afiguram maiores do que então se julgava, vamos procurar comparar o estado do sector naquela altura com o que se passa presentemente, na certeza de que, dessa forma, daremos notícia de mais uma área onde a cooperação entre Portugal e Moçambique se afigura de grande interesse para ambas as partes.

Quando falamos em interesse de ambas as partes, estamos a lembrar-nos de três razões e não negligenciáveis que levam ao interesse particular de Moçambique: 1) a dimensão económica de Portugal não oferece risco de qualquer tipo de neocolonialismo; 2) os dois países falam a mesma língua, sendo que têm já tempo e obrigação de entenderem a especificidade da maneira de ser de cada um; 3) Portugal que possui estaleiros navais onde se constroem barcos de pesca é, ele também, um país pescador, e tem biólogos, técnicos, mestres e pescadores que conhecem as particularidades das pescas no Índico.

## O que é Moçambique como potência pesqueira

Moçambique tem 2470 quilómetros de linha de costa, o mar territorial daquele país tem a largura de doze milhas e na zona contígua até às duzentas milhas tem poderes sobera-

nos «relativamente à prospecção e exploração, conservação e administração dos recursos naturais, biológicos e não biológicos», o que, trocado em miúdos, dá que o canal de Moçambique pertence economicamente apenas a Moçambique e a Madagascar e que, por razões geofísicas, é do lado de Moçambique que se encontra a zona mais rica, se não mesmo a única rica, quer sob o ponto de vista biológico quer sob o ponto de vista geológico. E isso porque Moçambique possui 120 mil quilómetros quadrados de mar sobre a plataforma continental até à profundidade de 200 metros e 180 mil quilómetros quadrados entre os 200 e os 1000 metros de profundidade.

No que respeita às águas interiores, Moçambique dispõe de cinco importantes bacias hidrográficas: Rovuma-Lugenda, Lúrio, Save, Limpopo e Zambeze, esta última com uma área de 14 mil quilómetros quadrados; possui ainda, uma grande quantidade de pequenas lagoas litorais (onde a aquacultura não só é possível como já foi ex-



— Dois tipos de barcos rudimentares utilizados pelos pescadores tradicionais em Moçambique

perimentada com êxito) e os lagos Chiúta, Chirua e Niassa, este último partilhado entre Moçambique, a Tanzânia e o Malawi.

Num estudo realizado em 1975 por biólogos portugueses que baseavam as suas estimativas nos mais recentes estudos da FAO e, sobretudo, nos do soviético Moiseev, as potencialidades pesqueiras anuais de Moçambique eram assim apresentadas:

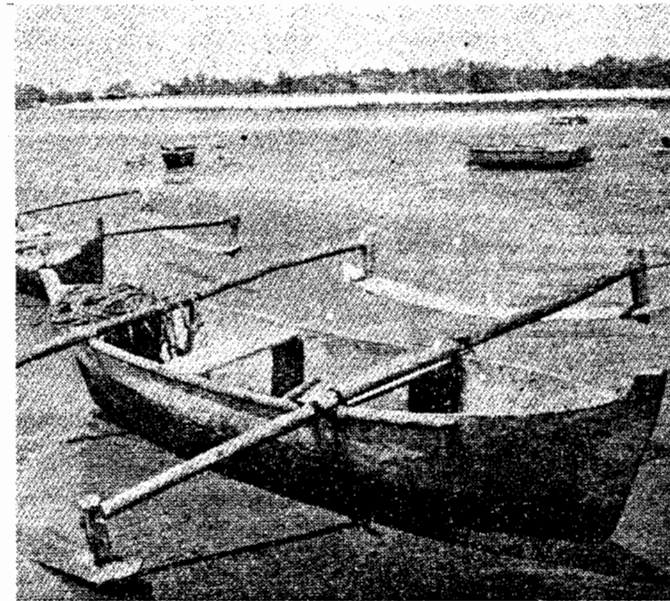
**Costas marítimas** — 700 mil toneladas de peixe; 20 a 25 mil toneladas de camarão, prevendo a exploração de espécies até aí não capturadas; 10 mil toneladas de lagosta; e uma quantidade importantíssima e ao tempo não calculável de atum, além de amêijoas, carangueijos, mexilhões, ostras, polvos, lulas, chocos, holotúrias, cactões e tubarões.

**Águas interiores** — (lagoas, rios e barragens) — 30 mil toneladas de peixe, o que não era muito tendo em conta que o Malawi já em 1975 pescava nos lagos e rios comuns a Moçambique e àquele país 20 800 toneladas de peixe.

Ora nesse mesmo ano de 1975, as pescas totais em Moçambique, incluindo as marítimas, deviam andar pelas 25 mil toneladas de peixe e as 7500 toneladas de camarão, isto segundo estimativas daqueles técnicos, pois que as estatísticas oficiais não registavam, sequer, oito mil toneladas de peixe.

## Outras estimativas mais recentes

Entretanto, o tempo passou, espanhóis, japoneses, russos,



franceses e sul-africanos continuaram a pescar no Canal de Moçambique, quer dizer, nas costas do país que lhe dá o nome, até que em Setembro de 1979, os cientistas do Instituto of Marine Research, de Bergen (Noruega), que haviam feito um cruzeiro de investigação nas costas de Moçambique, embarcados no barco de pesquisa norueguês «Dr. Fridtjof Nansen», anunciaram as seguintes conclusões quanto a recursos detectados (e outros ficariam ainda por quantificar, como advertem):

**Peixes de profundidade** — peixes encarnados, corvinas, roncadores, peixe pedra e peixe lagarto: manancial máximo, 210 mil toneladas; pesca potencial, 51 mil toneladas.

**Peixes de superfície** — carapaus, sardinhas, anchovas grandes e patanas: manancial máximo, 300 mil toneladas; pesca potencial, 150 mil toneladas; anchoveta: manancial máximo, 300 mil toneladas; pesca potencial, 300 mil toneladas; atuns, serras e tubarões: quantidades não estimadas, notando os investigadores que já então ali se pescavam anualmente 3 mil toneladas de tubarão.

**Peixes mesopelágicos** — Peixes vivendo a grande profundidade durante o dia e que se aproximam da superfície durante a noite: manancial máximo, 1 milhão de toneladas; máximo potencial de pesca, 1 milhão de toneladas. Deste peixe, a maioria de primeira qualidade, nunca se pescou em Moçambique, nem pesca ainda.

**Crustáceos** — Camarões de águas pouco profundas: manancial 16 mil toneladas; potencial máximo, 15 mil toneladas. Camarões de águas profundas: manancial e captura potencial desconhecidos. Lagosta espinhosa: manancial, mil toneladas; captura potencial, 300 toneladas. Lagosta vulgar: manancial e captura potencial desconhecidos. (Verificaremos adiante que só uma empresa pesca presentemente em Moçambique mais de meio milhão de toneladas/ano desta lagosta.)

**Peixe de zonas coralíferas** — Potencial de pesca, 5 a 10 mil toneladas. **Peixe de águas interiores** — Potencial de pesca, 5 a 10 mil toneladas.

O Governo de Moçambique, nas suas prospectivas de 1985, dá a entender aceitar as estimativas norueguesas, mas deixa de lado, certamente por lhe parecer não despertar por agora interesse dos empresários, os mananciais de peixe mesopelágico (um milhão de toneladas), estimando como potencial imediato para as pescas no seu país, 500 mil toneladas de peixe (de superfície e de profundidade), 14 mil toneladas de camarão e, nas águas interiores, apenas 10 mil toneladas de «sardinha de Tanganica» na barragem de Cahora Bassa.

Ora bem, entre as 510 mil toneladas de peixe e as 14 mil de crustáceos do Governo de Moçambique em 1985, as 1521 milhares de toneladas de peixe e as 15 300 de crustáceos dos noruegueses em 1979, e as 730 mil toneladas de peixe e as 30 a 35 toneladas de crustáceos do russo e dos portugueses em 1975, as diferenças são grandes, mas a estimativa mais pobre é, já de si, de respeito. Poucos serão os países que se poderão gabar de uma tal fortuna.

## A exploração no tempo colonial

Nos anos que antecederam a independência, as pescas eram feitas por portugueses e moçambicanos e... pelos outros. E nestes, já se contavam japoneses, franceses, espanhóis e, muito especialmente, sul-africanos. A zona económica exclusiva não estava definida e mesmo nas águas ditas territoriais a fiscalização era nula ou quase. Assim, para aqueles enormes potenciais os meios e os resultados eram como segue (números de 1974):

**Pesca tradicional** — À roda de 7900 embarcações e cerca de 19 mil pescadores, utilizando os meios mais rudimentares, eram responsáveis por diminutas capturas que consumiam, ou vendiam a preços que oscilavam entre os 6 e os 15 escudos por quilo.

**Pesca artesanal ou semi-industrial** — Peixe: 20 barcos de pesca à linha, em madeira, entre os 14 e os 20 metros, com tripulações entre os 15 e os 25 homens, sem condições de se-